O FUTEBOL DA CANELA PRETA: O NEGRO E A MODERNIDADE EM PORTO ALEGRE

Gilmar Mascarenhas de Jesus

INTRODUÇÃO

A história social do futebol no Brasil abriga processos representativos de problemáticas centrais da sociedade brasileira. Inicialmente reduto exclusivo das elites, tal esporte rapidamente rompeu os círculos aristocráticos para ganhar as ruas e tornar-se entretenimento popular de largo alcance. Nesse processo de democratização do futebol, um dos aspectos mais tensos e recorrentes é a polêmica inserção do negro nos grandes clubes e/ou principais campeonatos.

O futebol se introduz na vida urbana brasileira justamente no momento em que esta vive uma conjuntura de acirramento das tensões raciais. O processo de desescravização nas últimas décadas do século XIX faz aportar, nas principais cidades brasileiras, densos contingentes de negros oriundos da zona rural. A substituição do trabalho escravo por imigrantes europeus acarretou não somente um quadro de falta de oportunidades de trabalho para o negro, mas todo um recrudescimento do racismo no âmbito da ideologia do “embranquecimento” da nova nação republicana.

No Rio Grande do Sul, onde o afluxo de imigrantes europeus foi particularmente maciço, a situação do negro adquiriu contornos dramáticos. Na cidade de Porto Alegre, início do século XX, pólo industrial e centro convergente da próspera zona colonial ítalo-germânica, a ideologia antinegro encontrou terreno fértil. Segundo Cardoso (1962, p.278-281), tão logo a máquina senhorial perdeu as condições legais e morais de coação, iniciou-se um processo de redefinição do conjunto de repre-

Gilmar Mascarenhas de Jesus é professor assistente no Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Geografia pela UFRJ, doutorando em Geografia Humana na USP.

Agradecimentos ao economista Marco Cesar Oliveira Quevedo, diretor do Museu do Sport Club Internacional e pesquisador da história do futebol local, pelo material fornecido e, sobretudo, pelos valiosos debates em torno do tema.

sentenças sobre a negritude: a positividade do escravo manso, fiel e laborioso vai cedendo lugar ao estigma da preguiça e da indolência. “Foi-se constituindo, pouco a pouco, o *problema negro*”.

Porto Alegre vive, no início deste século, um momento crucial de seu crescimento urbano. No bojo dos maciços aportes demográficos e de capitais, a cidade busca uma redefinição de sua imagem. A ordem burguesa se instala no espaço urbano sob o signo da *modernidade*: disciplina, higiene e monumentalidade são alguns dos novos atributos desejáveis aos espaços públicos de uma cidade que se quer *moderna e civilizada*. A gradativa retirada dos pobres da área central, o acirramento do policiamento cotidiano, a criação de novos espaços para fruição da burguesia, são alguns dos elementos da modernidade porto-alegrense. Não há lugar para pobres e negros neste “sonho de modernidade” secretado e vivido pela elite local.¹

Aproximadamente entre 1915 e 1930, quando o futebol se populariza plenamente em Porto Alegre, o projeto de modernidade e toda a ideologia racista estão em pleno vigor, de forma que não resta ao negro outra alternativa para a prática do futebol senão a formação de uma liga exclusivamente composta por elementos descendentes dos escravos africanos. Neste sentido, em Porto Alegre, temos a Liga Nacional de Futebol Porto Alegrense, pejorativamente conhecida (e divulgada na imprensa “branca”) como *Liga da Canela Preta*.

O objetivo deste trabalho é trazer à superfície essa realidade pouco conhecida para a grande maioria dos estudiosos da questão negra e da história do futebol no Brasil. Acreditamos que podemos assim arejar o debate sobre a inserção do negro no futebol brasileiro, ainda muito condicionada pela clássica obra de Mario Filho.² Sobre ela pretendemos tecer alguns breves comentários antes de mergulhar no universo do futebol de negros em Porto Alegre, sua territorialidade e suas relações com o projeto de modernidade urbana. Modernidade que elege uma ordem, contra a qual tudo se define como alteridade ameaçadora e indesejável. As formas de sociabilidade dos negros se inserem nesse elenco de alteridades condenadas, e nelas a lendária *Liga da Canela Preta*.

O NEGRO NO FUTEBOL BRASILEIRO: UMA HISTORIOGRAFIA INCIPIENTE

Raquel Rolnik (1989, p.28-38) lamenta, com propriedade, a ausência de estudos sobre a inserção territorial do negro nas cidades brasilei-

ras. Podemos estender tal constatação à presença do negro no futebol. No tocante às ligas negras, por exemplo, a literatura não ultrapassa vagas e imprecisas alusões. Mergulhar nesse campo permite a possível revisão de teses consagradas na literatura acadêmica acerca do negro no futebol brasileiro. Em primeiro lugar, porque esta literatura carece largamente de investigações de realidades regionais para além do tradicional eixo Rio-São Paulo. Em segundo, por apresentar outros problemas relacionados com a carga mitológica que esta atribui à contribuição do negro no estilo brasileiro de jogar futebol. Nos deteremos, brevemente, neste aspecto para situar nosso trabalho neste privilegiado e polêmico tema dos estudiosos do futebol.

Antonio Jorge Soares dedica sua tese de doutoramento ao exame crítico desse clássico livro de Mário Filho, para concluir que se trata de uma obra magnífica como romance épico de um incontestável gênio promocional do esporte, porém carente de fundamentação científica.³ A tese em pauta sinaliza não apenas as limitações da obra como fonte documental, mas, sobretudo, denuncia sua intensa utilização como fonte “incontestável” para as pesquisas acadêmicas. Soares (1998, p.154) critica a postura daqueles que “entronizam” Mario Filho como etnógrafo e historiador, reproduzindo seus mitos à custa da permanente falta de iniciativa de se efetuar os necessários levantamentos de fontes primárias. Queremos aqui apontar uma outra limitação ao largo uso dessa obra como referência básica para as pesquisas. Trata-se do fato dela restringir o universo de análise à cidade do Rio de Janeiro, apesar de supostamente sinalizar a realidade nacional, conforme evoca explicitamente o título da obra.

Entendemos que para mapear e aprofundar a questão do negro no futebol brasileiro é necessário realizar pesquisas localizadas. Partindo da ampla diversidade regional brasileira, bem como da dispersão espacial do elemento negro na demografia nacional, podemos imaginar um quadro heterogêneo de experiências do negro e sua inserção no futebol brasileiro. Uma dessas experiências está aqui brevemente relatada e enfocada no contexto da modernidade urbana.

OS NEGROS, OS ESPORTES E A MODERNIDADE EM PORTO ALEGRE

Para melhor compreender e dimensionar a liga de atletas negros é preciso contextualizar historicamente suas ações no cenário esportivo porto-alegrense. E esse cenário, por sua vez, reflete um ambiente urba-

no no qual o desejo de se modernizar é impetuoso e se traduz na incorporação de hábitos e estilos de vida importados dos grandes centros *civilizatórios* mundiais, particularmente Paris.

A noção de modernização urbana aqui tomada (e conseqüentemente a de *cidade moderna*) vai ao encontro das reflexões de Marshall Berman (1986), que as desenvolve no sentido da concepção marxista de *moderna sociedade burguesa*.⁴ Um quadro alarmante composto por extremos contrastes materiais de condições de vida, envolvendo a experiência inédita das multidões, a laicização/profanização do sagrado, confluindo num ambiente urbano onde as referências tradicionais se diluem numa paisagem inconstante. *Modernidade*, assim, definiria este ambiente propiciador de novas possibilidades. E a difusão dos esportes modernos se insere nesse amplo leque de novos horizontes de experiência mundana, que Norbert Elias (1985) define como processo de “relaxamento moral” associado ao controle dos impulsos.

No Brasil, os ventos da modernidade despertam nossas cidades da sonolência colonial, dinamizando e diversificando o uso dos espaços públicos. Durante muito tempo, sair à rua não era considerado de bom alvitre pela/para a classe senhorial. Vioti da Costa (1977, p.186), a partir de relatos de viajantes diversos, define a rua da cidade colonial brasileira como domínio dos escravos, mulatos e negros livres. Entretanto, a irreversível expansão da economia urbana, a partir de meados do século XIX, fará com que a cidade dependa cada vez mais do trabalho escravo, atraindo crescentes levas de negros fugitivos.

Segundo Cláudia Mauch (1988, p.8-9), ao mesmo tempo em que recorria amplamente ao trabalho negro, a cidade de Porto Alegre estabelecia gradativamente um conjunto de restrições quanto aos lugares e momentos da presença deste nos espaços públicos fora dos horários de trabalho. Com a modernidade, novos padrões comportamentais vão conferir à rua a condição de terreno do espetáculo e fruição da burguesia, e nela o elemento negro é indesejável, devendo, sempre que “dispensado” do trabalho, refugiar-se em enclaves étnicos como a Colônia Africana, o Areal da Baronesa e a Ilhota.

A modernidade urbana traz ainda uma feição peculiar, muito associada ao advento da República e aos desejos de se construir uma nação livre de heranças do passado, posto que estariam elas a obstaculizar o “progresso”. Nas grandes cidades brasileiras da virada do século, observa-se que o projeto “civilizador” tem forte apelo europeizante, e, nesta onda de importações de modismos europeus por parte das elites, o futebol encontra seu canal de fácil penetração na vida social urbana. No caso

de Porto Alegre, tal introdução foi facilitada pelo fato de a ampla colônia alemã já ter estabelecido, na cidade, várias décadas de prática esportiva e cultura física.

Em consonância com um determinado projeto de modernidade, a cidade de Porto Alegre, no início do século, vibrava intensamente com os espetáculos esportivos, com destaque para o remo, o ciclismo e o turfe, este último dispondo de nada menos que quatro hipódromos (Monteiro, 1995, p.32). O remo vem realizando campeonatos estaduais desde 1898, e aparece como principal esporte-porto-alegrense na obra de Fortunato Pimentel (1945), que lhe dedica nove páginas no capítulo que oferece um belo panorama da “cultura física” de então.⁵ Examinando a economia urbana e regional no início do século, Paul Singer (1974) define Porto Alegre como a “cidade dos alemães”, tendo em vista a forte predominância de “dinastias econômicas germano-rio-grandenses” na organização e condução dos grandes negócios e empreendimentos. Se observasse a vida esportiva, chegaria à mesma conclusão: a maioria das associações esportivas é de origem germânica. Ademais, os esportes modernos eram ainda privilégio ao qual a “massa” urbana local não tinha acesso.

O futebol apresentou lenta evolução inicial: de 1903 a 1909 (ano de fundação do SC Internacional) os “únicos” dois clubes existentes⁶ (o Grêmio F.B.P.A e o Fussball) limitaram-se a disputar anualmente entre si a taça *wanderpreiss* (geralmente em apenas dois confrontos pomposamente organizados, verdadeiros cerimoniais da elite convidada), e a realizar eventuais amistosos com clubes visitantes de Rio Grande e Pelotas. A Liga Porto Alegrense de Football é criada somente em 1910. Nesse ano, contando com sete agremiações, é disputado o primeiro campeonato municipal, e o futebol local inicia finalmente um processo de difusão social mais abrangente e efetivo. No ano seguinte, o Grêmio ergue em seu *ground* o majestoso pavilhão “social”, com capacidade para 500 pessoas, e pequena arquibancada. Cobram-se ingressos, mas o morro ao fundo lotava de gente interessada, atestando a popularidade do futebol na cidade.

Guimaraens (1985) menciona a existência de vários campinhos incrustados entre casebres e fabriquetas de bairros operários como Navegantes e São João. Cita ainda a proliferação, nos anos 20, de terrenos gramados retangulares que surgem com as fábricas, que então realizam de forma mais acelerada a transição da pequena e dispersa produção artesanal para o sistema fabril. Afinal, a cidade nesse período crescia em ritmo acelerado, superando, em 1927, o total de 250 mil habitantes e possuindo então um contingente operário estimado em 10 mil trabalha-

dores (Monteiro, 1995, p.48). Nesse contexto de popularização do futebol, a comunidade negra não poderia permanecer inerte e ausente do processo. Mas o quê? quantos eram? e onde estava, basicamente, essa “comunidade negra” em Porto Alegre no início do século?

Ao longo do século XIX, observa-se, nas zonas pobres da cidade de Porto Alegre, a formação de pequenos núcleos habitacionais de predominância negra, bem como se constata a existência de regiões (as “emboscadas”) caracterizadas por abrigar temporariamente escravos fugitivos. Mas é com a desescravização que a territorialidade negra ganha corpo, através da geração de “um cinturão de cor em torno da cidade branca que se aburguesava lentamente” (Pesavento, 1995, p.84). A origem desses novos territórios étnicos tem relação direta com a exclusão do negro liberto de diversos setores da economia urbana que se industrializa e que prioriza a força de trabalho do imigrante europeu.

Nesse contexto se observa a formação de um novo bairro na cidade, reconhecido oficialmente desde 1896 como “arrabalde da colônia africana”. Composta por tanques públicos para as lavadeiras e casario rústico de madeira, a aglomeração compacta da população negra na franja da mancha urbana de então constituiu uma espécie de *gueto*, centro de práticas religiosas afro-brasileiras e alvo de intensa discriminação na imprensa local já em 1895 (Franco, 1988, p.118-119). Desse arrabalde periférico, verdadeiro enclave étnico situado numa colina, descerão os negros em direção à várzea do “Caminho do Meio”, do “Campo do Bom Fim” ou da “Volta do Cordeiro” para praticar o futebol.

Mais próximo da área central da cidade, havia outro “território” de segregação racial conhecido por *Areal da Baronesa*, assim chamado não só por ocupar terrenos da antiga chácara da Baronesa de Gravataí, mas também pela abundância de areia de origem fluvial (do outrora sinuoso riacho popularmente conhecido por arroio Dilúvio). No século XIX, era uma “emboscada”, aqui já definida como local não-urbanizado, propício ao esconderijo provisório de escravos foragidos. Outra importante concentração de negros era a “Ilhota”, sítio alagadiço vizinho ao Areal da Baronesa, e assim denominado em função das curvas do supracitado riacho formarem um alvéolo, quase “ilhando” um trecho do terreno.

O futebol se difunde como forma de entretenimento popular numa cidade que se apresenta fragmentada, separando nitidamente grupos étnicos e socioeconômicos; esta fragmentação vai incidir claramente sobre a organização do futebol, conforme veremos a seguir.

A LIGA DA CANELA PRETA

Infelizmente, esta liga, até o presente momento, raramente freqüentou as páginas da literatura futebolística (acadêmica ou não). Baseado em depoimentos do ex-jogador Osvaldo Rola (o Foguinho), Guimaraens (1985, p.16) aponta a existência de três importantes ligas no futebol porto-alegrense em torno de 1920: a principal, vulgarmente denominada *Liga do Sabonete*, composta por elementos da elite (a “nata do futebol da cidade”), que entravam em campo impecavelmente trajados; a liga intermediária, ou *Liga do Sabão*, composta por elementos da “classe média baixa”, pequenos comerciários e clubes de etnias minoritárias como o Concórdia, de poloneses; por fim, a *Liga das Canelas Pretas* (assim, no plural), disputada “somente por times de jogadores negros que não eram aceitos pelas outras equipes”.

É difícil precisar o momento de fundação da Liga Nacional de Football Portoalegrense, a liga dos negros. Lamentavelmente, segundo o ex-atleta e ex-diretor de clubes dessa liga, Genésio Martins dos Santos, toda a documentação referente à liga foi destruída por ocasião da enchente de 1941, que afetou gravemente a Ilhota e a Rua Baronesa do Gravataí.⁷ Podemos situar seu início em meados da década de 1910, a partir da constatação da apropriação, desde 1912, do abandonado campo do SC Internacional pela população negra local que, numerosa, teria provavelmente possibilidades de organizar alguns times de futebol:

[...] a Prefeitura cedeu ao Inter um terreno na beira do Riacho, mais ou menos onde está a Rua Sebastião Leão, ali no Hospital Municipal, onde tem fundos para uma pequena praça chamada Praça Sport Clube Internacional. Mas no inverno, aquilo enchia de água, e o Inter tinha que treinar na várzea, onde hoje está o Pronto-Socorro [...] e o Inter deixou o Riacho. Então vieram os negros, e se adonaram, e fizeram um pavilhão de madeira, formando a Liga de Futebol Portoalegrense. Era uma coisa à parte, e funcionava como um relógio, jogos aos sábados e domingos, sem descanso. O lema dos negros era “Ordem”, ali na Ilhota. (depoimentos de Carlos Lopes dos Santos a Claudio Dienstmann, Zero Hora, 13/5/1987)⁸

A Liga, que coerentemente utilizava o dia 13 de maio para abrir a temporada anual, e freqüentemente reunia grande assistência,⁹ contava no início com os seguintes clubes: Primavera, Bento Gonçalves (famoso clube que excursionou com êxito pelo interior do Estado em 1923),

União, Palmeiras, Primeiro de Novembro, Rio-Grandense, 8 de Setembro, Aquidabã e Venezianos.¹⁰ Ainda segundo Carlos L. dos Santos, alguns clubes respondiam por segmentos sociais preestabelecidos pela ocupação profissional: o Rio-Grandense era formado por funcionários de repartições públicas e hotéis; o Palmeiras também era de bedéis; o Bento Gonçalves reunia engraxates. Haviam aqueles que se definiam por sua localização geográfica: o 8 de Setembro (“o melhor de todos os times”) representava a Colônia Africana.

Outras linhas de diferenciação interna à comunidade negra se fizeram presentes na famosa liga. Segundo Marco Mello (1996), o ideal de branqueamento da raça “povoou as mentes de uma parcela significativa da população negra, especialmente aquela ávida pela ascensão social”. Interessante então registrar que o Sr. Francisco Rodrigues (pai do famoso compositor Lupicínio Rodrigues) dirigia o Rio-Grandense, clube que gerou polêmica no interior da liga por definir-se como “mulato”: somente mulatos e mulatas poderiam torcer pelo clube.¹¹

Cardoso (1962, p.302) alerta para a emergência desse movimento “mulato”, alvo de críticas e reações violentas por parte dos militantes da “raça”. Observa o autor a existência, em 1915 (data muito próxima ao fato supracitado), de associações exclusivas para “mulatos”, numa estratégia de ascensão social (sobretudo obtenção de empregos públicos não-braçais) através da negação da negritude. Curioso observar que o pai de Lupicínio dirigia um clube exatamente identificado com servidores públicos e da rede hoteleira, portanto, trabalhadores que lidavam diretamente com os segmentos médios/altos (e brancos) da cidade, numa situação muito diferente do confronto aberto e da segregação marcante dos guetos negros, esse mundo tido como portador do ilícito, do imoral, do sujo, do violento, enfim, mundo do “outro”.¹²

Sendo o “outro” numa cidade cindida, o negro encontrava no mimetismo, em meio aos brancos, uma forma de obter aceitação na sociedade. Cardoso (1962, p.298) visualiza uma pequena burguesia negra, originária de artesãos urbanos do século XIX, que se educou e expressou no periódico *O Exemplo*. Este jornal, em determinadas épocas, promovia um discurso de pregação de “boas maneiras” aos negros, o que era uma forma de branqueamento, via aceitação de um código de conduta. Tais negros poderiam assim tornar-se “protegidos”, isto é, submeter-se a chefes de parentelas poderosos, capazes de abrir determinadas “portas”, reproduzindo a velha ordem senhorial, agora numa sociedade capitalista. Essa “mobilidade social controlada”, definida pelo autor, podemos verificar também no futebol: no SC Internacional dos anos 20,

havia uma “resistência oculta”, só permitindo praticamente o acesso de mulatos e ainda assim bem credenciados.¹³

Por fim, cabe uma nota para a denominação oficial da liga: parece-nos curiosa a utilização do adjetivo “nacional”. Este pode estar sugerindo a condição nativa, “da terra”, quiçá criticando a larga presença na liga “branca” de não-brasileiros: argentinos e uruguaios, por um lado; alemães, italianos e até poloneses, e seus descendentes, por outro. Estes últimos seriam brasileiros, porém menos “brasileiros” que aqueles negros com algumas gerações nascidas em nosso território (lembrando que o Rio Grande do Sul foi uma das maiores províncias receptoras de escravos, e que os negros correspondiam em 1874 a 21% da população gaúcha) (Maestri, 1997, p.231-239).

Por outro lado, vale indagar sobre a denominação vulgar e sua ampla difusão. Ao estudar a Colônia Africana, Cláudia Mauch deparou-se com a seguinte situação: a imprensa promoveu larga campanha adversa, difamando tal comunidade, tornando-a conhecida no imaginário da cidade, ao mesmo tempo em que a literatura acadêmica silencia sobre a mesma.¹⁴ A *Liga da Canela Preta* também padece deste paradoxo: muito poucos a conhecem, porém muitos já ouviram falar. Além de constituírem territorialidades da segregação racial porto-alegrense, outra semelhança entre ambas é a designação altamente pejorativa. Segundo Pesavento (1998), “o léxico que designa espaços e lugares da cidade mediatiza valores, julgamentos e preconceitos, condenando práticas sociais e atores”. A denominação oficial da liga ficou praticamente esquecida da memória urbana, em favor de um registro que despreza, ironiza e atribui um sentido de estranhamento e alteridade: aquelas “canelas” são diferentes, fogem ao padrão, elas são “pretas”. O próprio uso do termo “canela” pode estar indicando menosprezo: a parte do corpo que deve tocar e conduzir a pelota é o pé; o uso da canela denota falta de habilidade ou controle motor. Na linguagem popular do futebol, dar “canelada” supõe mal controle da bola ou mesmo agressão desleal ao adversário.

Infelizmente, também não sabemos quando a Liga Nacional de Futebol Portoalegrense (posterior Associação Esportiva de Futebol)¹⁵ encerrou suas atividades. Endler (1984, p.16) afirma que a liga teve “vida forte” até 1925. Em 1922, segundo o já citado Genésio dos Santos, a liga “branca” criou sua segunda divisão e nela abriu oportunidades para jogadores e clubes negros, fato que os atraiu progressivamente, acionando uma lenta e gradual decadência da *Liga da Canela Preta*: “não pudemos mais conter os negrinhos e a infiltração foi devagar e sempre”.¹⁶ Por outro lado, supomos que a absorção gradativa de seus principais atletas

pelos grandes clubes da cidade não poderia resultar em extinção da liga: pelo contrário, a perspectiva do negro de contratação como profissional fortaleceria a entidade. Voltamo-nos, assim, para a presença da comunidade negra na dinâmica espacial da cidade, sugerindo que a desintegração do “cinturão de cor” em torno da área central pode ter desempenhado papel relevante no processo.

Já em 1914, portanto no momento em que o futebol negro varzeano começava a se afirmar na Ilhota, a retificação do arroio Dilúvio surge como proposta no Plano de Melhoramentos da cidade, com o objetivo de melhorar o sistema viário. Foi, enfim, concretizada a retificação na administração municipal de Loureiro da Silva (1937-1943), sob alegação não apenas viária, mas também de saneamento (Ferraz e Müller, 1997, p.85-90). Do ponto de vista da cultura popular, começava a desfalecer uma das áreas mais vivas da cidade. Também a Colônia Africana não resistiu às pressões da lógica capitalista do uso do solo urbano, dissolvendo-se aproximadamente na década de 1950, quando, nas palavras discriminatórias de Ary Sanhudo (1975, p.113-114), o lugar “infestado de desordeiros” cede lugar à penetração da “laboriosa comunidade israelita”. Em seu lugar está hoje o verticalizado Bairro Rio Branco, de classe média. A dispersão dos negros no interior da mancha metropolitana é um dado a ser considerado.

Considerando-se que Porto Alegre é um dos mais antigos centros de prática do futebol no Brasil, é de se notar a lentidão local em permitir o acesso de negros na liga principal.¹⁷ É amplamente conhecido o caso do Grêmio FBPA, que apenas admitiu, pela primeira vez, um jogador negro em 1952, e ainda assim por se tratar de Tesourinha (um dos maiores talentos já vistos no Brasil, e que acabara de ser recusado pelo rival SC Internacional). O próprio SC Internacional, que desde os anos 40 tem a negritude como símbolo, somente iniciou uma lenta e seleta incorporação de jogadores negros a partir dos anos 20. Acreditamos que tal cenário tem ampla relação com a dinâmica socioterritorial de Porto Alegre, partindo da premissa de que a cidade não pode ser tomada como palco passivo dos acontecimentos futebolísticos, pois o espaço é, como diz Milton Santos (1996), “ao mesmo tempo, uma condição para a ação, uma estrutura de controle, um limite à ação, um convite à ação”. Nesse sentido, a presença de guetos negros e outros bairros étnicos pode ajudar a explicar a segregação racial reinante no futebol local.¹⁸ A *Liga da Canela Preta* e toda a rejeição por parte da liga branca são fatos que não podem ser isolados da estrutura social. Em síntese, o futebol não pode ser tratado como um epifenômeno, alheio à sociedade envolvente.

CONCLUSÃO

No “país do futebol”, a inserção histórica do negro nesse domínio da vida social foi problemática (e segue mal resolvida nos dias de hoje). Mario Rodrigues Filho (1994) nos oferece várias situações que expressam graus diversos de exclusão do negro em décadas de futebol carioca. No campeonato paulista dos anos 10 os clubes podiam perder pontos por incluir um “colored” no time. A rigor, somente em 1918 a Federação Brasileira de Sports autorizou a inscrição de negros em clubes e entidades futebolísticas,¹⁹ abrindo caminho para uma lenta incorporação destes nos principais clubes.

Desconhecemos, porém, registros de ligas negras em outros estados da federação. Cabe indagar se estamos diante de uma exclusividade gaúcha no contexto nacional: em Pelotas, existiu a Liga José do Patrocínio, e em Rio Grande, a Liga Rio Branco,²⁰ todas exclusivas para atletas negros e com auge nos anos 20. Trata-se de modelo semelhante ao encontrado nos Estados Unidos até 1960 e África do Sul na vigência do *apartheid*, quando a discriminação racial assumia forma aberta institucional.²¹

A historiografia do futebol brasileiro carece de esforços e volume de informações que permitam responder tal indagação. Em unidades da federação como Bahia, Maranhão e Minas Gerais, onde a presença negra na composição demográfica é marcante, praticamente inexitem iniciativas consistentes de estudo da história do futebol regional. O Rio Grande do Sul conta com uma literatura futebolística que se coloca como uma das mais extensas do País, o que torna mais visível fenômenos como o aqui estudado. Por outro lado, não devemos perder de vista as particularidades da “questão racial” gaúcha.

Alguns autores, como Gitibá Faustino (1991, p.97), afirmam que o Rio Grande do Sul sempre se caracterizou por ser um estado onde o racismo “atinge dimensões bem maiores que o resto do Brasil”. Não detemos elementos empíricos ou mesmo instrumentos metodológicos para tentar aquilatar o grau de racismo entre os gaúchos, tarefa aliás pouco sensata, considerando-se o racismo um fenômeno de grande complexidade, impróprio para ser quantificado em gradientes. Entretanto, é interessante observar a forte tendência entre os negros no Rio Grande do Sul a formatar uma sociabilidade à parte da sociedade “branca”. O levantamento realizado por Mello (1996), a partir da imprensa negra gaúcha, revela a busca constante desse segmento étnico em forjar sinais identitários e criar instituições (educacionais, recreativas, mutualistas, etc.) que demarcassem claramente as fronteiras ante a sociedade circundante. Per-

guntamos então: por que o futebol, que se implanta e se difunde num contexto de acirramento das tensões inter-raciais, haveria de escapar a esta possível tendência local à auto-segregação do negro?

Também a dimensão da territorialidade merece consideração. Concordamos com Raquel Rolnik (1989) quando ela contesta a noção reinante que aponta a inexistência de guetos negros nas cidades brasileiras. A própria autora ilustra seus argumentos com diversos exemplos de “territórios negros” no Rio de Janeiro e em São Paulo. Entretanto, parece haver diferenças entre “territórios negros” formados nas diferentes regiões do Brasil, posto que não há uma uniformidade nacional no tratamento da questão. Caberia então investigar a possibilidade de, em Porto Alegre, tais territórios apresentarem maior “homogeneidade étnica” (fronteiras físicas mais nítidas) e/ou, sobretudo, maior carga simbólica negativa no campo das representações coletivas. Em outras palavras, suspeitamos que a Colônia Africana, o Areal da Baronesa e o a Ilhota tenham consistido uma territorialidade mais intensamente “negra” (se podemos falar assim), no sentido de áreas mais plenamente embebidas do significado pejorativo da negritude no contexto embranquecedor da República Velha. Esta “alteridade condenada”, de que nos fala Pesavento (1998).

Mais uma vez, não dispomos de elementos ou ousadia para encaminhar tal questão. Ficam, porém, as indagações e uma forte impressão: a de que o futebol tem muito a contribuir na busca da compreensão do urbano brasileiro. Ele pode abrir portas privilegiadas de acesso à cultura popular e às formas de territorialização da vida cotidiana. Para Maurício Murad (1996, p.13), o futebol no Brasil é muito mais que um jogo, é “uma combinação de simbologias por meio das quais podemos compreender o Brasil”.

Procuramos, enfim, aqui levantar alguns aspectos da (mal) chamada *Liga da Canela Preta* e relacioná-los com determinadas facetas da modernidade urbana em Porto Alegre. Em síntese, é esta modernidade que *esportiviza* a sociedade e, simultaneamente, segrega o negro na cidade, criando, portanto, as condições para o surgimento de uma liga de futebol também segregada. O estudo dessa liga ilumina determinadas dimensões da vida urbana de então, acrescentando informações e novas perspectivas, ou simplesmente consolidando impressões já colhidas por outros caminhos da investigação sobre a cidade do passado.

Acreditamos que o futebol pode trazer novos ingredientes para a compreensão da complexidade da urbanização. E esta pode, pela via da contextualização, fertilizar os estudos sobre o futebol brasileiro, que já

começam a superar o estigma da marginalização na academia e a propiciar novos ângulos para esse fenômeno central da cultura brasileira.

NOTAS

1. Sobre a modernidade em Porto Alegre ver os trabalhos de Sandra Pesavento *Os pobres da cidade*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994, e (coord.) *O espetáculo da rua*, Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992; Charles Monteiro *Porto Alegre: urbanização e modernidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995; e Claudia Mauch *Colônia Africana: criminalidade e controle social (Porto Alegre: 1888-1900)*. Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, 1988. A expressão “sonho de modernidade” da burguesia porto-alegrense aparece em Eduardo Kersting *Negros e a modernidade urbana em Porto Alegre: a Colônia Africana (1890-1920)*, 1988. Dissertação de Mestrado, Departamento de História da UFRGS.
2. O principal manancial para o debate acerca da inserção do negro brasileiro no futebol se encontra na obra de Mario Rodrigues Filho *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti Editores, 1.ed., 1947. A segunda edição é de 1964 (Ed. Civilização Brasileira), e a terceira é de 1994, pela editora Fumo.
3. Segundo o autor, Mario Filho valeu-se de um aporte teórico-metodológico pobre (o “feyrismo popular”) e submeteu os dados recolhidos a uma narrativa épica e romanesca, centrada na mitificação e endeusamento de atletas (sobretudo os negros) e de suas heróicas façanhas no campo de futebol, a despeito de suas reiteradas dificuldades na sociedade (Soares, Antonio J. *Futebol, Raça e nacionalidade no Brasil: uma releitura da história oficial*. Tese do Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho, 1998, p.170-172).
4. Não operamos por conseguinte com a noção de *cidade moderna* emanada do movimento urbanístico conhecido por modernismo, onde a modernidade urbana somente começa com a obra de Le Corbusier e as realizações da Bauhaus, no pós-Primeira Guerra Mundial (Choay, Françoise. *O urbanismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992, p.20).
5. Sobre a evolução do remo gaúcho, ver Hofmeister, Carlos. *Pequena história do remo gaúcho*. Porto Alegre: CORAG, 1978.
6. Reiterando Mazzoni, (Mazzoni, Thomaz. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Ceia, 1950), a historiografia majoritariamente consagra esta informação, contestada, entretanto, por pesquisadores locais como Marco Quevedo (aqui já citado) e Raul Pons (historiador, bolsista do Museu Universitário da UFRGS), posto que suas pesquisas revelam a existência de outros clubes no período, ainda que menos estáveis, organizados e “apadrinhados”, portanto menos visíveis que a dupla Grêmio-Fussbal. O que porém não invali-

da o ano de 1909 como marco importante na consolidação do futebol na cidade, que passa a ter condições de gerar uma liga e campeonatos regulares. Os primeiros momentos do futebol porto-alegrense se encontram em trabalhos como os de Dienstmann, Claudio. *Campeonato gaúcho: 68 anos de história*. Porto Alegre: Sulina, 1987, e PIRES, Edison. *A história do Grêmio FBPA*. Porto Alegre: Fismo, 1967.

7. *Jornal do Inter*, 1º a 15 de agosto de 1975
8. Há divergências quanto ao local de surgimento da liga negra: para Endler (Sergio Endler, *Tesourinha*. Porto Alegre: Tchê/RBS, Coleção “Esses Gaúchos”, 1984, p.16), ela surge na Colônia Africana. Mas todas as demais fontes apontam o campo da Rua Arlindo, na antiga Ilhota, como sede permanente da liga.
9. *Folha da Tarde* (suplemento) 14 1 15/5/1977.
10. Segundo depoimento do historiador Raul Pons, o *Correio do Povo* noticia, em junho de 1915, a existência de dois clubes que constam em nossos levantamentos como membros da *Liga da Canela Preta*: o Primavera e o Rio-Grandense. Não há garantias de que se trate dos mesmos clubes, entretanto, é difícil imaginar que em período tão curto surjam agremiações “brancas” e “negras” homônimas, ou que os negros tenham a seguir copiado denominações já existentes na liga “branca”.
11. Não consta na fonte (Carlos Lopes dos Santos, em *Zero Hora*, 13/5/1987) se também os jogadores do clube deveriam ser “mulatos”. Por coerência, acreditamos que sim. Na cidade de Pelotas, é possível verificar, através de fotografia publicada na imprensa em 1931, que alguns times da Liga José do Patrocínio (também de negros) exibiam atletas “mulatos”, como o SC Universal, enquanto outros clubes, como GS Sul América, o GS Vencedor e o GS Luzitano, eram compostos exclusivamente por indivíduos de acentuada tez negra.
12. Sobre a alteridade do negro em Porto Alegre no início do século ver Sandra Pesavento. *Lugares malditos: a cidade do “outro” no sul brasileiro (Porto Alegre: passagem do século XIX ao século XX)*. Mimeo. Departamento de História da UFRGS, 1998.
13. *Zero Hora*, 13/5/1987 (suplemento especial: “História do negro no futebol gaúcho”), e *Jornal do Inter*, de 1º a 15/8/1975. O próprio compositor Lupicínio, não obstante seu inegável talento musical, contou com uma rede de contatos para abrir “portas”, vencer o isolamento da Ilhota e alcançar fama na capital do País (façanha rara na época): aos 21 anos adquire, através do acesso do pai a um desembargador, emprego de bedel na Faculdade de Direito; casa-se com uma mulher branca numa sociedade em que o índice de exogamia racial é dos mais baixos; e torna-se torcedor do Grêmio (clube então racista e elitista), para o qual compõe belíssimo hino. Se Mário Goulart (*Lupicínio Rodrigues*. Porto Alegre: Tchê/RBS, Coleção “Esses Gaúchos”, 1984, p.51) diz que “Lupicínio teve os amigos e os parceiros certos”, acreditamos que não se trata de obra do acaso.

14. O recente trabalho de Eduardo Kersting (1998) rompe alguns aspectos desse silêncio.
15. *Folha da Tarde* (suplemento) 14 1 15/5/1977
16. Informações extraídas de *Jornal do Inter* (1º a 15/8/1975) e *Zero Hora* (13/5/1987). Não imaginamos, porém, que todos os negros de então desejassem jogar na liga “oficial”, sobretudo na divisão inferior.
17. Um estudo comparativo envolvendo as primeiras cidades a absorver o futebol no Brasil encontra-se em Gilmar de Jesus. *Futbol y modernidad en Brasil: la geografía histórica de una novedad*. *LECTURAS: Educación Física y Deporte* (revista digital), v.III, n.10, mayo/1998, Buenos Aires.
18. A referência a bairros étnicos e negros em Porto Alegre encontra-se em Sandra Pesavento. *Memórias de Porto Alegre: espaço e vivências*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS e Prefeitura Municipal, coleção Memória, n.1, 1991.
19. *Folha de São Paulo*, 16/1/1994, caderno especial 100 anos de futebol. A referência quanto ao campeonato paulista se deve a Thomaz Mazzoni. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Ceia, 1950.
20. Sobre a Liga José do Patrocínio, encontramos alguns dados em Eliseu Alves. *O futebol em Pelotas*. Pelotas: Livraria Mundial, v.I, 1984. Sobre a Liga Rio Branco, a informação é devida à docente Beatriz Ana Loner (Departamento de História da UFPel), pesquisadora do movimento operário em Pelotas e Rio Grande.
21. De 1920 a 1960, existiu nos Estados Unidos uma liga nacional de beisebol exclusiva para os negros, *The Negro National League*. E esta provavelmente foi precedida de diversas ligas negras locais, posto que a liga principal, desde sua fundação em 1867, proíbe expressamente a participação de jogadores ou clubes negros (Barth, Gunther. *City People: the rise of modern city culture in nineteenth-century america*. Oxford: Oxford University Press. 1980, p.179). Na África do Sul, não obstante a grande diversidade tribal no seio da população negra, a *South Africa Bantu Football Association* foi criada em 1933, embora existam clubes exclusivamente negros no país desde 1898. Tal liga sobreviveu paralelamente à liga “branca” até os anos 60, quando cedeu à crescente pressão da FIFA por uma única liga nacional de caráter multirracial (Thabe, George. *It's a goal: 50 years of sweat, tears and drama in Black Soccer*. Johannesburg: (África do Sul): Skotaville Publishers, 1983, p.6-10).
21. FAUSTINO, Gitibá Guichard (1991) *O negro gaúcho e suas origens* in Vera TRIUMPHO (org) *Rio Grande do Sul: Aspectos da Negritude*. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, p.97.
21. MURAD, Maurício (1996) *Dos pés à cabeça: elementos básicos de sociologia do futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, p.13.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Eliseu de Mello. *O futebol em Pelotas*. Pelotas: Livraria Mundial, v.I, 1984.
- AZEVEDO, Fernando de. *A evolução do esporte no Brasil*. São Paulo: Cia Melhoramentos, 1930.
- BARTH, Gunther. *City People: the rise of modern city culture in nineteenth-century america*. Oxford: Oxford University Press, 1980.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Cia das Letras, 1986.
- CARDOSO, Fernando H. *Capitalismo e escravidão no Brasil colonial: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*. São Paulo: DIFEL, 1962.
- CHOAY, Françoise. *O urbanismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.
- COIMBRA, David e PINTO, Antonio. *História dos grenais*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.
- COSTA, Emilia Vioti. "Urbanização no Brasil no século XX" e "O mito da democracia racial no Brasil". *Da monarquia à república: momentos decisivos*. São Paulo: Grijalbo, 1977.
- DIENSTMANN, Claudio. *Campeonato gaúcho: 68 anos de história*. Porto Alegre: Sulina, 1987.
- ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. *Quest of Excitment: Sport and Leisure in Civilizing Process*. Oxford: Blackwell, 1985.
- ENDLER, Sergio. *Tesourinha*. Porto Alegre: Tchê/RBS, Coleção "Esses Gaúchos", 1984.
- FAUSTINO, Gitibá Guichard. O negro gaúcho e suas origens. In: TRIUMPHO, Vera (org.). *Rio Grande do Sul: aspectos da negritude*. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 1991.
- FERRAZ DE SOUZA, Célia e MÜLLER, Dóris. *Porto Alegre e sua evolução urbana*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1997.
- FRANCO, Sergio Costa. *Porto Alegre: guia histórico*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS e Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1988.
- GOULART, Mario. *Lupicínio Rodrigues*. Porto Alegre: Tchê/RBS, Coleção "Esses Gaúchos", 1984.
- GUIMARAENS, Rafael. *Foguinho*. Porto Alegre: Redactor Emp. Editoriais, 1985.
- HOFMEISTER, Carlos. *Pequena história do remo gaúcho*. Porto Alegre: CORAG, 1978.
- JESUS, Gilmar Mascarenhas. Fútbol y Modernidad en Brasil: la geografía histórica de una novedad. *LECTURAS: Educación Física y Deporte* (revista digital), v.III, n.10, mayo/1998, Buenos Aires.
- _____. Construindo a "Pátria de Chuteiras": elementos para uma geografia da difusão do futebol no Brasil. In: SCHÄFFER et al. (org.). *Ensinar e aprender geografia*. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), 1998b.

- KERSTING, Eduardo (1998) *Negros e a modernidade urbana em Porto Alegre: a Colônia Africana (1890-1920)*. Dissertação de Mestrado, departamento de História da UFRGS.
- LOPES, José Sergio Leite. Futebol "mestiço": história de sucessos e contradições. *Ciência Hoje*, v.24, n.139, jun.1998, Rio de Janeiro: SBPC.
- MAESTRI FILHO, Mario. O negro no sul do País. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n.25, p.231-239, edição especial "Negro Brasileiro Negro", Rio de Janeiro: IPHAN, 1997.
- MAZZONI, Thomaz. *História do futebol no Brasil*. São Paulo: Ceia.
- MAUCH, Claudia. *Colônia Africana: criminalidade e controle social (Porto Alegre: 1888-1900)*. Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, 1988.
- MELLO, Marco A. L. A construção dos afro-brasileiros: identidade e poder na imprensa negra do RS. *Cadernos Porto e Vírgula*, v.IV, n.29, Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1996.
- MERCIER, Joseph. *Le Football*. Paris: Press Universitaire de France (coleção *Qui sais-je?*), 1966.
- MONTEIRO, Charles. *Porto Alegre: urbanização e modernidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- MURAD, Maurício. *Dos pés à cabeça: elementos básicos de sociologia do futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.
- OLIVEN, Ruben. Invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul. In: LEITE, Ilka Boaventura (org.). *Negro no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade*. Ilha de Santa Catarina: Letras Contemporâneas, 1996.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Memórias de Porto Alegre: espaço e vivências*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS e Prefeitura Municipal, coleção Memória, n.1, 1991.
- _____. (coord.). *O espetáculo da rua*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.
- _____. *Os pobres da cidade*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1994.
- _____. Os excluídos da cidade. In: *Presença negra no RS, Cadernos Porto e Vírgula*, Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995.
- _____. *Lugares malditos: a cidade do "outro" no sul brasileiro (Porto Alegre: passagem do século XIX ao século XX)*. Mimeo. Departamento de História da UFRGS, 1998.
- PESQUISA DE CAMPO. *Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol da UERJ*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos gerais de Porto Alegre*. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1945.
- PIRES, Edison. *A história do Grêmio FBPA*. Porto Alegre: Firmo, 1967.
- RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Firmo, 1994.
- ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras (etnicidade e cida-

- de em São Paulo e no Rio de Janeiro). *Cadernos de Estudos Afro-Asiáticos*, n.17, p.28-38, Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 1989.
- SACK, Robert. *Human Territoriality: its teory and history*. Cambridge University Press, 1986.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANHUDO, Ary Veiga. *Porto Alegre: crônicas de minha cidade*. Porto Alegre: Movimento, 1975.
- SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e rede urbana*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1974.
- SOARES, Antonio J. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: uma releitura da história oficial*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho, 1998.
- THABE, George. *It's a goal: 50 years of sweat, tears and drama in Black Soccer*. Johannesburg: (África do Sul): Skotaville Publishers, 1983.